

O universal concreto de FHC

"Já examinei tudo e sua TV está perfeita, minha senhora. O que enguiçou, mesmo, foi a realidade."



Os estadistas se sentem cada vez mais impotentes... E nós nos sentimos perdidos

De quando, quando, o sociólogo Fernando Henri-que visita o presidente Cardoso e este, impressionado com as teses do primeiro, sai por aí fazendo declarações que só os iniciados compreendem. Já por duas vezes o presidente falou da necessidade de mudar o "universal concreto" e ninguém compreendeu o que, afinal, queria dizer. Eu, pessoalmente, teria entendido melhor se ele se tivesse valido do termo "paradigma". Mas mesmo esse termo não é de conhecimento obrigatório de ninguém.

O que, afinal, é "paradigma"? Segundo o *Aurélio*, é um modelo, um padrão. Num visão mais ampla, um "paradigma universal" seria o conjunto de percepções, referenciais, valores e convicções que nós temos em relação ao mundo em que vivemos. Segundo uma analogia de Peter Drucker, uma mudança radical nesse modelo, em razão de novas realidades, se daria, na cabeça de cada um de nós, da seguinte forma: você vem rodando por uma estrada, confiante e tranquilo. Passa por um pequeno aclive e logo a seguir vislumbra um vale. Tudo bem, pensa você, conheço inúmeros vales... Ocorre que este é diferente. Há inúmeras bifurcações e as placas indicativas apontam para destinos que você nunca ouviu falar. Você procura pelo mapa e percebe que ele desapareceu. E agora? Você decide entrar no

próximo retorno. Impossível. A estrada não tem retorno. Resolve parar o carro. O freio não funciona. O ponteiro, no painel, indica uma velocidade constante de 60 quilômetros por hora. E não dá para reduzir, já que o trânsito é intenso e não há acostamento. Resultado: você entra em pânico. Não sabe pa-

ra aonde está indo e não pode voltar para trás, a paisagem vai ficando cada vez mais estranha, não há mais nenhum referencial conhecido. "O que fazer agora?", pensa consigo mesmo. Coitado, logo você que só queria encontrar a Felicidade... É aí que se encontra o tal paradigma. O mundo, de repente, mudou. E, caso você insista em manter nos mesmos valores, referenciais, convicções e padrões de comportamento que alimentou a vida inteira, com certeza vai se dar mal. A História é compartimentada em "eras". E nós acabamos de entrar numa nova era. Como se cha-

ma? Não sabemos. Elas só adquirem nome depois que passam. Assim, temos a era da revolução comercial, no final da Idade Média; a era da revolução científica, no século 18, a era da revolução industrial, no século 19, e assim por diante. O fato é que você vai ter de mudar o seu "paradigma".

Console-se, você não é o único aflito. Nem você nem efeagacê. Imagine os nossos ancestrais de século e meio atrás (os europeus, ao menos), que viveram a radical mudança de paradigma na revolução industrial. O incômodo deles foi tão grande como é o seu. Tudo mudou. E tudo o que hoje é familiar em nosso "paradigma" foi extremamente traumático para eles.

Exemplos:

■ A concentração – da população nas cidades, dos trabalhadores nas fábricas e nos escritórios, das crianças nas escolas, etc, etc.

■ A sincronia – a tirania do relógio, obrigando todos a acordar e dormir, chegar e sair do trabalho, almoçar e jantar (e até mesmo fazer sexo...), tudo nos mesmos horários.

■ A padronização – a produção em massa de artigos de consumo idênticos, a tira-

gem milionária dos mesmos jornais, a adoção de costumes e padrões de conduta válidos para todos, a adoção de sistemas de medidas universais, a ditadura das "modas", etc.

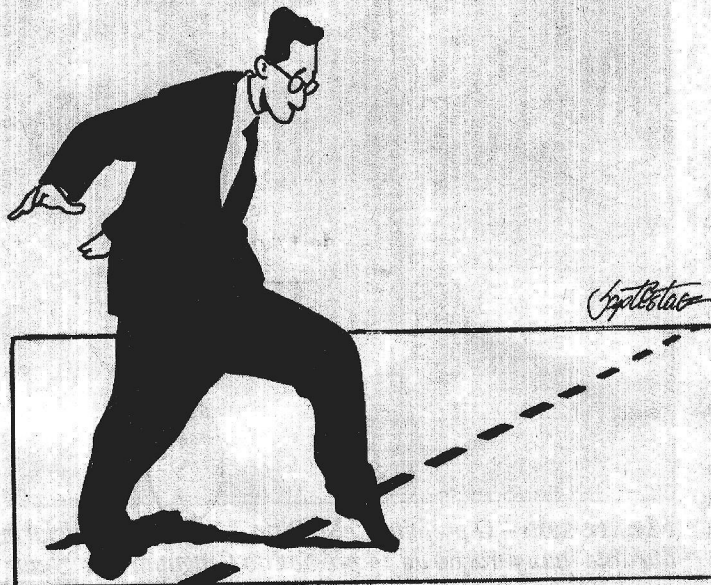
Esses e outros referenciais (ler *A Terceira Onda*, de Alvin Toffler) que hoje temos como parte de nosso "universal concreto" não faziam parte da vida dos antigos. Foram todos subprodutos das demandas do novo modo de produção industrial. É de imaginar o "desconforto existencial" que essa revolução causou nos corações e mentes das pessoas.

Pois bem, uma nova era se inicia. Pouco sabemos acerca dos valores e convicções que ela acarretará. O que se percebe é que as fórmulas antigas não funcionam mais. Os estadistas se sentem cada vez mais impotentes, os planejadores vêm frustradas as suas expectativas, as políticas governamentais se mostram ineficazes, as projeções dos economistas têm um índice de acerto menor do que as das cartomantes, tudo, enfim, está mudando. E todos nós, dessa geração, nos sentimos perdidos.

Não é à toa que o presidente Cardoso reivindica nada menos do que um novo "universal concreto". Por definição, esta "realidade" deveria ser uma só, incontestável e imutável. Mas esse tipo de conceito vem dos tempos em que o racionalismo imperava.

Está visto que tudo muda. E eu, você, todos nós vamos ter de mudar também.

Ou, então, adotar o paradigma do ébrio: "O que chamamos de realidade é uma amarga alucinação causada pela falta de álcool no organismo..."



■ João Mellão Neto é jornalista
E-mail: jmellao@sti.com.br

■ Washington Novaes está em férias.